

A FITOSSANIDADE COMO DEFENSORA DO PATRIMÔNIO AGRÍCOLA BRASILEIRO

A safra brasileira de grãos em 1972/73 foi de 30 milhões de toneladas em 28 milhões de hectares cultivados. Em 2012/13 187 milhões de toneladas de grãos foram produzidos em 53 milhões de hectares cultivados. Nesse tempo, o Brasil passou de importador de alimentos a terceiro maior exportador mundial de produtos agropecuários, sendo também o maior exportador/produzidor de café, açúcar, suco de laranja, etanol de cana-de-açúcar, soja, feijão, milho, carne bovina e frango. Em outras palavras, 40 anos após o começo da distribuição de investimentos em recursos humanos, pesquisa, geração de tecnologia, desenvolvimento da indústria em apoio ao campo, tudo isso aliado à fibra do agricultor brasileiro, o agronegócio se tornou o segmento mais abrangente, dinâmico e importante da economia brasileira.

Recentemente, para manter essa posição de liderança no agronegócio, outros parâmetros, conceitos e profissionais foram introduzidos para garantir a sustentabilidade da agricultura. Um parâmetro muitíssimo importante esse resultado foi o uso de sementes saudáveis, isto é, livres de patógenos. Trata-se da melhor técnica de se evitar a introdução de doenças nas lavouras, reduzindo perdas na produtividade de grãos. No caso das lavouras de soja e feijão no Brasil, a maioria das doenças (80%) são transmitidas pelas sementes.

Para ilustrar um exemplo de fungo/patógeno transmissível por sementes de soja e feijão destacamos o agente causal da doença esclerotinia/mofo branco: o fungo *Sclerotinia sclerotiorum*. As sementes podem ser infectadas com o micélio do fungo ou contaminadas com escleródios. É grande o potencial de disseminação do patógeno a longa distância através de sementes (focos foram identificados em 1976 no Paraná, 1982 em Minas Gerais, e em 1985 no Distrito Federal. Hoje já atingem quase todas as lavouras de soja do Brasil). Os escleródios podem ser retirados de lotes de sementes, porém, aquelas sementes infectadas com micélio do fungo dificilmente são detectadas sem a ajuda de um laboratório especializado. *S. sclerotiorum* é responsável por perdas de até 30% em lavouras de soja e de até 70% em lavouras de feijão irrigadas por pivô central.

Plantas doentes de feijoeiro irrigado podem ter a produção reduzida em 37%. Se considerar uma incidência de 50% no campo, sob um pivô central que irriga uma área de 100 ha, uma produtividade média de 3.120 kg/ha e o preço da saca de 60 kg a R\$ 200,00, isto poderia representar uma perda de receita bruta de R\$ 130.000,00 -o equivalente a 650 sacas de feijão que deixariam de ser produzidas devido ao mofo branco.

Vale lembrar que atualmente no mundo não existem variedades de plantas (feijão, soja, canola, girassol, algodão, ervilha, tomate industrial/mesa, nabo forrageiro, cenoura, pimentão e beringela) resistentes ao patógeno, tornando necessário o controle químico com fungicidas para o controle dessa importante doença. Assim, a detecção desse fungo em sementes é de extrema importância, pois sementes com alta qualidade fitossanitária contribuem para menor consumo desses produtos durante o ciclo das culturas e evita a introdução e/ou aumento da doença nas lavouras.

Nos debates sobre sustentabilidade, tanto ambiental como econômica, pouco se fala da importância das sementes. As sementes livres de doenças aumentam a produtividade e reduzem a necessidade de uso de fungicidas. Daí a importância dos laboratórios credenciados para análise sanitária. No caso da soja e do feijão é preciso manter as lavouras livres do mofo branco. Isso nada mais é que garantir a sustentabilidade do agronegócio.

Autor: Luiz Carlos Bhering Nasser, membro do Conselho Científico para Agricultura Sustentável (CCAS), Agrônomo; Pós-Doutor em Biologia Ambiental e Professor Coordenador do Curso de Pós-Graduação de Análise Ambiental e Desenvolvimento Sustentável do UniCEUB.

Publicado pelo *Conselho Científico Agro Sustentável (CCAS)*

Acessível em: <http://agriculturasustentavel.org.br>